

Verdade, Poder e Política: o discurso bolsonarista na pandemia de Covid-19

Truth, Power and Politics: the Bolsonaro discourse on the Covid-19 pandemic

Verdad, Poder y Política: el discurso de Bolsonaro sobre la pandemia del Covid-19

Lucas Sloboda¹
Universidade de São Paulo - USP
lucassloboda@gmail.com

RESUMO: Neste artigo busco descrever e analisar como a prática discursiva bolsonarista acerca do campo político brasileiro e internacional, empreendida nos dois primeiros anos pandêmicos, constitui um regime político de produção de verdades capaz de agenciar relações de poder e formas de governo dos sujeitos e da realidade. Conjugando traços conceituais derivados do aparato crítico foucaultiano, como as noções de discurso, verdade e poder, argumento que a analítica da construção da verdade seja repensada em função das Políticas da verdade vigentes em nosso tempo histórico, perspectiva que embasará a proposição da noção de Microfísica Discursiva como percurso teórico-metodológico de análise da construção do verdadeiro no espaço de verdade bolsonarista. Portanto, tomando a materialidade enunciativa como um espaço estratégico de construção do verdadeiro, objetivamos indicar que a discursividade bolsonarista, mais do que negar a realidade pandêmica, visa reinscrevê-la em função da verdade produzida na interioridade de sua gramática discursiva.

Palavras-chave: Política da verdade; Bolsonarismo; Pandemia; Microfísica discursiva; Discurso.

ABSTRACT: In this article, I seek to describe and analyze how Bolsonaro's discursive practice about the Brazilian and international political field, undertaken in the first two years of the pandemic, constitutes a political regime for the production of truths capable of activating power relations and forms of governing subjects and reality. Combining conceptual traits derived from the Foucauldian critical apparatus, such as the notions of discourse, truth and power, I argue that the analysis of the construction of truth should be rethought in the light of the politics of truth in force in our historical time, a perspective that will underpin the proposition of the notion of Discursive Microphysics as a theoretical-methodological path for analyzing the construction of truth in the Bolsonaro space of truth. Therefore, taking the enunciative materiality as a strategic space for the construction of truth, we aim to indicate that Bolsonaro's discursiveness, rather than denying pandemic reality, aims to reinscribe it according to the truth produced within its discursive grammar.

¹ Bacharel em Letras - Português e Linguística - pela Universidade de São Paulo e Doutorando do programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade de São Paulo. Coordenador do grupo de pesquisa "Transformações em Michel Foucault", associado ao Laboratório de Pesquisa em Teoria Social, Filosofia e Psicanálise (Latesfip), e pesquisador auxiliar do projeto "Sick Normalities", associado ao Latesfip e a Universidade de Essex (UK). Artigo desenvolvido com auxílio da FAPESP (processo nº 2022/08094-3).

Keywords: Politics of truth; Bolsonarism; Pandemic; Discursive microphysics; Discourse.

RESUMEN: En este artículo, busco describir y analizar cómo la práctica discursiva de Bolsonaro en el campo político brasileño e internacional, realizada en los dos primeros años de la pandemia, constituye un régimen político de producción de verdades capaz de actuar sobre las relaciones de poder y las formas de gobierno de los sujetos y de la realidad. Combinando rasgos conceptuales derivados del aparato crítico foucaultiano, como las nociones de discurso, verdad y poder, sostengo que el análisis de la construcción de la verdad debe ser repensado en términos de las políticas de verdad vigentes en nuestro tiempo histórico, perspectiva que sustentará la proposición de la noción de Microfísica Discursiva como camino teórico-metodológico para analizar la construcción de la verdad en el espacio de verdad de Bolsonaro. Así, tomando la materialidad enunciativa como espacio estratégico de construcción de la verdad, pretendemos indicar que la discursividad de Bolsonaro, más que negar la realidad pandémica, pretende reinscribirla en términos de la verdad producida dentro de su gramática discursiva.

Palabras clave: Política de la verdad; Bolsonarismo; Pandemia; Microfísica discursiva; Discurso.

Introdução

O projeto de governamentalidade empreendido pelo governo Bolsonaro e por seus principais representantes políticos e sociais, desde o início de sua campanha eleitoral no pleito de 2018, até sua consumação enquanto discurso estatal após a eleição de seu candidato ao poder executivo, estruturou-se sob uma gramática de conflito generalizado (Rocha, 2019; Cesarino, 2022; Avritzer et al., 2021). Tomando como referência os discursos produzidos pela cúpula do governo Bolsonaro, o campo político passou a constituir objeto privilegiado em sua cruzada de nomeação e combate àqueles alçados ao papel de inimigos do governo e da dita "população de bem", os quais seriam os verdadeiros responsáveis pela crise social, econômica e moral brasileira (Sloboda, 2023; Lacerda, 2019).

Nesse sentido, desde os poderes executivo, legislativo e judiciário, até a "imprensa, movimentos sociais, organizações da sociedade civil, setores vinculados às áreas de cultura, ciências e artes, assim como governantes estrangeiros e organizações multilaterais" (Couto in Avritzer et al., 2021, p. 42), compuseram ameaças a serem combatidas, inimigos a serem denunciados e derrotados. Com o advento da pandemia de Covid-19, tal postura conflitiva acerca do cenário político intensifica-se, ganhando contornos e estratégias discursivas específicas. Mais do que representar um simples conflito institucionalizado no discurso bolsonarista durante o período pandêmico, a estrutura política centraliza-se como um dos principais campos de batalha da discursividade do governo Bolsonaro e do bolsonarismo (Avritzer et al., 2021) em relação às disputas em torno da verdade e daqueles legitimados a enunciar o verdadeiro acerca da pandemia de Covid-19.

A problemática da verdade acerca das doutrinas políticas, de seus atores e instituições, em escopo nacional e global, passou a incidir sobre os discursos governamentais como uma justificativa a sua recusa em estruturar um plano nacional de combate e contenção à tragédia viral que fosse articulado às instâncias federativas, municipais, legislativas e judiciárias (Abrucio et al., 2020). Segundo a discursividade bolsonarista, a pandemia representava não somente uma arma química criada em laboratório por uma China comunista e opositora à ascensão dos governos de direita pelo mundo (Barreto, 2021, p. 203). Como também teria sido utilizada pela oposição política brasileira, mediante a distorção da gravidade pandêmica à população, a fim de causar um cenário socioeconômico prejudicial ao governo e, assim, abrir caminho a sua deposição e subsequente restituição de um governo ditatorial de esquerda (Barreto, 2021, p. 107). Portanto, se para os principais órgãos de saúde nacionais e

internacionais dedicadas ao combate à pandemia, a realidade enfrentada exprimia o principal desafio do século XXI, para a discursividade bolsonarista, a verdade sobre a pandemia traduzia-se em uma luta política pelo poder. Nesse sentido, como postula Sloboda (2023) e Cesarino (2022), a gramática discursiva do governo Bolsonaro sobre a pandemia de covid-19 estruturou-se em vista de uma guerra, por um lado, entre aliados e inimigos, por outro, entre a verdade e a mentira.

De maneira geral, os trabalhos acadêmicos que se voltaram a uma analítica dos discursos produzidos pelo governo Bolsonaro e por seus apoiadores, durante os anos pandêmicos, dedicaram-se a discussão de noções como negacionismo (Veras, 2020; Hur et al., 2021), pseudocientificismo (Ruediger, 2021) e Fake News (Moura, 2021) a fim de compreender tal fenômeno discursivo. Essas posturas de pesquisa se alinham às reportagens jornalísticas, processos jurídicos e manifestações públicas que se dedicaram a problematizar tais enunciados mediante a contraposição entre as mentiras propagadas e a checagem da veracidade dessas informações (Tavares; Almeida, 2021). Ademais, a problematização da gestão e significação de aspectos políticos, em tal discursividade, comumente foi analisada como um produto direto das matrizes político-governamentais mobilizadas, marcadamente aquelas relacionadas ao neoliberalismo, conservadorismo, militarismo e neopentecostalismo (Hur et al., 2021; Almeida; Guerreiro, 2021; Almeida; Toniol, 2019).

Contudo, escassas são as abordagens que privilegiam uma análise acerca da própria racionalidade que ampara a produção discursiva bolsonarista frente a pandemia de Covid-19, de modo que intente desvelar, mais do que uma mentira sendo enunciada ou uma ideologia que a sustente, uma problemática concernente a produção do verdadeiro. Isto é, uma postura crítica que se volte à materialidade enunciativa, visando a descrição e análise dos processos estratégicos por meio dos quais tal discursividade reinscreve as formas do dizer verdadeiro acerca da realidade pandêmica e, neste caso, de seu campo político. Afinal, como nos lembra Foucault, o cerne da problemática política “não é o erro, a ilusão, a consciência alienada ou a ideologia; é a própria verdade” (Foucault, 2013, p. 158).

Em vista disso, a partir das contribuições teóricas legadas por Michel Foucault, e dando continuidade ao método de análise postulado pela noção de Microfísica discursiva (Sloboda, 2024), este artigo objetiva propor uma hipótese de descrição e análise das estratégias enunciativas que possibilitaram ao discurso do governo Bolsonaro e de seus aliados erigir um regime de produção de verdades acerca do campo político brasileiro e mundial ao longo dos dois primeiros anos pandêmicos. Dessa forma, buscaremos compreender sob quais processos

estratégicos, contidos na própria materialidade enunciativa, o verdadeiro e o falso são construídos e discriminados, produzindo, com isso, efeitos de poder e de governo dos sujeitos e das formas de produção e apreensão da realidade que os circunscreve. Para tanto, centraremos a discussão em torno de dois eixos temáticos acerca dos quais tal discursividade reincidentemente produziu formas de problematização da verdade durante o recorte proposto, a saber: a disputa política brasileira e a geopolítica da Covid-19.

Discussão metodológica

A opção pelo pensamento foucaultiano como aparato teórico justifica-se pela forma como sua proposta de análise dos discursos institui um ponto de problematização à compreensão da relação entre o poder e a verdade. Para Foucault, se o poder compreende o exercício de relações de força entre os sujeitos, a verdade, que será exercida entre os sujeitos por meio dos discursos, apresenta-se como um dos dispositivos de poder centrais à manutenção dessas relações (Foucault, 2010a, p. 22). Nesse sentido, ao indicarmos a prática discursiva bolsonarista como objeto da presente discussão, objetivamos percorrer, segundo o pensamento foucaultiano, as formas de materialização da verdade propostas por essa discursividade, bem como as lutas em torno das relações de poder que seus enunciados evidenciam mediante a verdade que constroem.

Em vista disso, sob a influência da crítica nietzschiana ao idealismo alemão, a abordagem analítica proposta por Foucault adota uma perspectiva acerca da noção de verdade que a comprehende como uma criação social radicalmente mundana e contingente, uma vez que é concebida em função de relações de poder e produções discursivas historicamente situadas. Como afirma Silva Junior (2019),

toda sociedade, segundo Foucault, tem sua política geral de verdade, a saber, os tipos de discurso que esta sociedade aceita como verdadeiros, seus mecanismos e formas de distinguir enunciados, técnicas e procedimentos verdadeiros e falsos para alcançar a verdade e também o status daqueles que estão autorizados a dizê-la (p. 134).

A materialização discursiva da construção do dizer verdadeiro perpassa, então, pelas contingências históricas que produzem a verdade segundo "um sistema de obrigações, independente do fato de, deste ou daquele ponto de vista, se poder considerá-la verdadeira ou não" (Foucault, 2016, p. 13). Desse modo, o sistema de obrigações que recai sobre um discurso

será o fundamento para a discriminação entre o verdadeiro e o falso, bem como o dispositivo que reveste essa distinção com efeitos específicos de poder. Portanto, a definição de discurso proposta por Foucault remonta, justamente, a um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (Foucault, 2008, p. 122). Ademais, sendo a verdade um produto desse sistema histórico de formação, o discurso constitui, também, um *espaço de verdade* (Foucault, 1996), isto é, torna visível e enunciável determinadas singularidades históricas ao mediatizar as práticas de produção e apreensão dos significados acerca de seus traços, uma vez que legitima o ritual que define

a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciado); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (Foucault, 1996, p. 39).

A partir dessa perspectiva, entendemos que a problematização da verdade operacionalizada na discursividade bolsonarista, tomando como referência os enunciados que se voltam ao campo político, ocorreria pelo questionamento de seu próprio processo de construção. Isso se daria, segundo a analítica proposta, na interioridade de um espaço de verdade que produz estratégias singulares de enunciação do verdadeiro. Tal tomada de posição, além de incontornável à problemática exposta, revive um dos eixos centrais de uma das teses mais originais do pensamento de Foucault: “o que é feito, o objeto, se explica pelo que foi o fazer em cada momento da história; enganamo-nos quando pensamos que o fazer, a prática, se explica a partir do que é feito” (Veyne, 2008, p. 257).

Contudo, como nos lembram Dreyfus e Rabinow (1995), Michel Foucault nunca teve a pretensão de produzir uma teoria universal dos discursos, a qual se traduzisse em uma metodologia de análise passível de ser reproduzida indiscriminadamente². Ao contrário, “limitou-se a descrever as formas históricas assumidas pelas práticas discursivas” (Dreyfus; Rabinow (1995, p. IX). Pontuar tal aspecto é fundamental por duas razões: primeiro, as posturas analíticas assumidas por Foucault ao longo de sua obra visam não a uma unidade metodológica repetível, mas a uma adequação entre as ferramentas de análise empregadas e o objeto histórico sob o qual atuam; segundo, não encontraremos na obra do filósofo uma prescrição

² Nas próprias palavras do autor, “a Arqueologia do saber não é um livro sobre metodologia. Não tenho um método que aplicaria, do mesmo modo, a domínios diferentes” (Foucault, 2010b, p. 229).

metodológica do modo como uma analítica dos enunciados postos em relevo pelo presente artigo deveria ou não ser realizada, embora ainda possamos utilizar suas reflexões como trajetórias de problematização.

Além disso, apesar de sua potencialidade crítica, as *Políticas da verdade* sobre as quais Foucault se debruçou e formulou eixos de reflexão, em muito se diferem daquelas vigentes na historicidade atual, na qual o discurso bolsonarista situa-se. Como postula Silva Junior (2019), enquanto na obra foucaultiana a política da verdade inscreve-se em instâncias tradicionais de produção e circulação dos saberes (como o discurso científico, universitário, estatal etc.), o regime político da verdade das sociedades contemporâneas atravessou importantes transformações desde as formulações de Foucault. Segundo o autor, "isso se deveu não apenas a algo a que Foucault não teve acesso – a saber, o advento da internet –, mas principalmente ao funcionamento entrelaçado desta nova tecnologia com a política neoliberal pelo mundo" (Silva Junior, 2019, p. 135).

Nesse sentido, a desestabilização das instituições tradicionais como instâncias de produção do verdadeiro é acompanhada por um regime político da verdade que toma feições estratégicas que se voltam ao homem comum, não mais como simples objeto do saber, mas como "o atual agente legitimador da nova economia da verdade da nossa sociedade" (Silva Junior, 2019, p. 136) – aspecto central à dinâmica discursiva bolsonarista, haja vista sua presença e mobilização dos meios de comunicação digitais (Rocha, 2021). Tal economia da verdade, por sua vez, "tornou-se gradualmente mais parecida com a difusão da propaganda, tanto por causa da forma simplificada de sua linguagem quanto de sua função de aumento de consumo" (Silva Junior, 2019, p. 136).

Logo, ao objetivarmos aplicar uma postura crítica de base foucaultiana ao objeto em questão, devemos reinscrevê-la em função de sua historicidade, buscando trajetórias analíticas que tomem em conta uma disputa política em torno da produção do verdadeiro que se realiza de maneira difusa e descentralizada, adequando-se estrategicamente aos espaços de verdade e aos domínios de realidade nos quais se situa. Neste caso, em vista da desestabilização em jogo das instituições de saber e poder tradicionais, entendemos, junto à proposição de Silva Junior (2019) acerca das políticas da verdade vigentes, que as disputas em torno da verdade e do dizer verdadeiro horizontalizaram-se no tecido social e em sua microfísica, de modo que os próprios sujeitos representam, cada vez mais, fontes de produção e legitimação da verdade e de sua inscrição sobre a realidade.

As Fakenews propagadas ao longo da pandemia de Covid-19 constituem, nesse sentido, um exemplo paradigmático da atual disputa pelo verdadeiro, onde o modo como o homem comum, ao inserir-se nas redes sociais, torna-se apto a produzir e reproduzir enunciados de verdade a despeito de sua legitimidade frente às instâncias de saber tradicionais (Rocha, 2021; Roque, 2021). A partir dessa problemática, que abarca procedimentos históricos específicos relacionados às políticas da verdade vigentes e as relações de poder que agenciam, propusemos, em Sloboda (2024)³, o conceito de Microfísica discursiva, que visa estabelecer um plano de análise focalizado no teor estratégico implicado na produção da verdade a partir de enunciados socialmente direcionados.

Baseando-nos na noção de microfísica do poder (Foucault, 2019), que decentraliza a analítica do poder e a direciona às relações sociais micropolíticas, a Microfísica discursiva (Sloboda, 2024) propõe que a análise dos discursos de verdade tome como base a microfísica da materialidade enunciativa, buscando traçar as estratégias de construção do dizer verdadeiro promovidas pelas políticas da verdade vigentes. Por estratégia de construção do dizer verdadeiro, entendemos que os elementos que compõem a materialidade enunciativa exercem uma função estratégica que se vincula às políticas da verdade postas em prática segundo a racionalidade estratégica do poder, isto é, suas táticas de governo dos sujeitos e das práticas sociais em um nível micropolítico.

Dessa forma, temos que a produção estratégica do dizer verdadeiro corresponde ao modo como a racionalidade imbricada nas relações sociais de poder e de governo das condutas se constitui a partir de um arranjo da cadeia enunciativa. Em outras palavras, a maneira como a racionalidade que ordena as possibilidades de organização da cadeia enunciativa passa a expressar um jogo de verdade sobre a realidade, uma prática estratégica de poder que opera na razão que vincula os elementos do enunciado com a posição social do autor que o enuncia ou do interlocutor que o recebe. A verdade não se expressaria, portanto, segundo a adequação do enunciado à realidade ou a partir de sua coerência interna, mas segundo a maneira como agencia e produz, na cadeia enunciativa, uma estratégia de apresentação e organização da realidade coerente e coesa às relações de poder e saber micropolíticas sobre as quais age. Em suma, as estratégias enunciativas buscam demarcar os procedimentos enunciativos agenciados por determinada prática discursiva que conduzem os sujeitos a se apropriarem de forma singular,

³ Tanto o presente texto quanto o artigo mencionado tomam como base os resultados obtidos durante o Projeto de pesquisa “A construção do dizer verdadeiro nos enunciados do governo Bolsonaro durante a pandemia de COVID-19” (processo nº 22/08094-3), que contou com o apoio e financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

por meio de suas produções enunciativas, da posição de autor e/ou objeto racionalizado por determinada relação de poder e saber.

Portanto, assim como o poder age de maneira específica em função das relações sobre as quais se estabelece na perspectiva da microfísica do poder, a Microfísica discursiva pressupõe que as formações discursivas vinculadas à atual política da verdade não se estabeleceriam de maneira uniforme em toda e qualquer produção enunciativa. A partir da transformação das políticas da verdade na presente historicidade, a qual toma o homem comum como novo agente legitimador do verdadeiro, as estratégias enunciativas apresentariam níveis de especializações discursivas em função da realidade específica que se visa organizar na cadeia enunciativa de cada agente da verdade. Dessa forma, mais do que regras gerais de formação para um Discurso, como propõe Foucault, a Microfísica discursiva busca identificar estratégias situadas de racionalização do verdadeiro, as quais conduzem uma gama heterogênea de enunciadores a mobilizarem determinada rationalidade discursiva segundo a possibilidade de se situarem como um de seus agentes da verdade, seja mediante a enunciação do verdadeiro, seja pela identificação com um determinado personagem na origem da verdade enunciada. Em suma, a *Microfísica discursiva* visa deslocar o eixo de análise dos discursos segundo suas regras de formação epistêmicas, tal como concebido por Foucault, a fim de direcioná-la a investigação das estratégias enunciativas que são produzidos em função das práticas discursivas socialmente situadas na atual conjuntura das Políticas da verdade.

Nesse sentido, assim como Benveniste (1989) considera que há uma gramática própria a cada produção enunciativa, dado que a apropriação da língua pelo sujeito implica sua inevitável atualização e transformação, consideramos que há uma estrutura de enunciação estrategicamente direcionada a cada círculo social (comunidade virtual, partido político, etc.) que é cooptado ou se apropria de uma prática discursiva. Dessa forma, tal proposta pretende acrescentar à definição de discurso formulada por Foucault – a saber, um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (Foucault, 2008, p. 122) – a ideia de que haveria, na atual política da verdade, um conjunto de estratégias discursivas que incidem sobre as produções enunciativas a fim de conduzir os modos de apropriação e produção da verdade pelos sujeitos-enunciadores.

Ao propormos, a partir das estratégias enunciativas, a investigação das políticas da verdade vinculadas à prática discursiva do Governo Bolsonaro, acerca do campo político, durante os dois primeiros anos pandêmicos, buscaremos investigar de que maneira tal prática discursiva produz estratégias que operacionalizam determinados signos, objetos, conceitos,

instituições, posições sociais e enunciativas, dicotomias e dialéticas, relações e correlações a fim de estabelecer procedimentos enunciativos passíveis de produzirem o verdadeiro e discriminá-lo daquilo que tal microfísica discursiva considera falso. Em suma, buscaremos traçar os procedimentos específicos que conduzem os indivíduos a uma experiência da verdade que é agenciada pelo espaço de verdade dessa prática discursiva, responsável por organizar formas instanciadas de modos de subjetivação, relações de poder e práticas de governamentalidade.

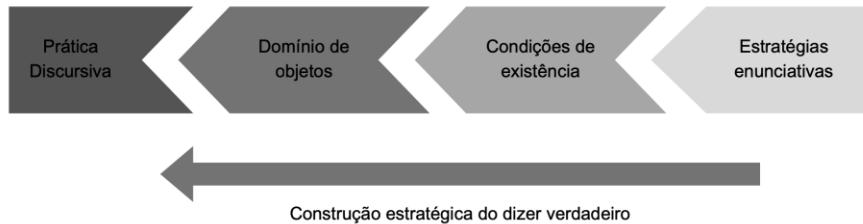
Com isso, a Microfísica discursiva se traduz como um processo ascensional de análise da construção do dizer verdadeiro. Isto é, por um processo vertical que parte da materialidade enunciativa, ou seja, da prática discursiva imediata que expressa as condições de possibilidade específicas de produção do verdadeiro, até o sistema geral de racionalização que essa discursividade estabelece como sistema de formação para todo e qualquer enunciado, e onde se pode localizar uma racionalidade estratégica de poder situado, isto é, as táticas de governo dos sujeitos e das práticas sociais específicas. Em outras palavras, a Microfísica discursiva visa explicitar as estratégias enunciativas que interpelam diretamente os sujeitos que buscam construir verdades sobre si e seu mundo. Ela inclui, portanto, a análise das cadeias ascendentes destas estratégias enunciativas até a racionalidade do poder e suas táticas de governo, ou seja, até o nível descrito por Foucault como a Microfísica do poder.

A fim de investigarmos a microfísica discursiva do governo Bolsonaro, tomando como ponto central de sua produção o cenário político brasileiro e mundial durante os dois primeiros anos pandêmicos, propomos três níveis de descrição e análise a serem percorridos na ordem que se segue: 1. Estratégias enunciativas - partiremos da materialidade enunciativa a fim de compreender como suas estratégias de construção, ao empregarem determinados procedimentos retóricos de produção da verdade, especializam-se em função do sujeito detentor da enunciação ou da realidade sobre a qual imprimem uma racionalidade que organiza os modos de expressão e compreensão do verdadeiro; 2. Condições de existência - a partir da reunião de enunciados que estabeleçam formas de dizer o verdadeiro acerca de uma mesma temática discursiva, buscaremos descrever o modo como diferentes enunciados e estratégias enunciativas agem e impõem uma condição de existência do verdadeiro nesta prática discursiva; 3. Domínio de objetos - a delimitação das condições de existência derivadas da circulação de enunciados verdadeiros nos permitiria, então, compreender como determinadas condições de existência discursivas são capazes de sistematizarem domínios de objetos. Ou seja, compreender de que modo temáticas específicas de um discurso são agregadas e revestidas

por estratégias de construção da verdade que produzem domínios de saber acerca da realidade e de suas práticas sociais e individuais.

A adoção dos três níveis de análise propostos permite-nos, portanto, compreender como distintos enunciados e estratégias enunciativas, que delimitam as formas micropolíticas de apropriação e produção de procedimentos retóricos de manifestação da verdade em questão, são capazes de agregarem-se segundo as condições de existência rationalizadas a partir da prática discursiva bolsonarista acerca do campo político brasileiro e mundial durante os dois primeiros anos pandêmicos. Com isso, capacitamo-nos a descrever e analisar a organicidade desse discurso de poder segundo os efeitos e implicações associados a sua microfísica discursiva, bem como as disputas estratégicas em torno da produção da verdade localizadas na microfísica das relações sociais e políticas na qual se inserem.

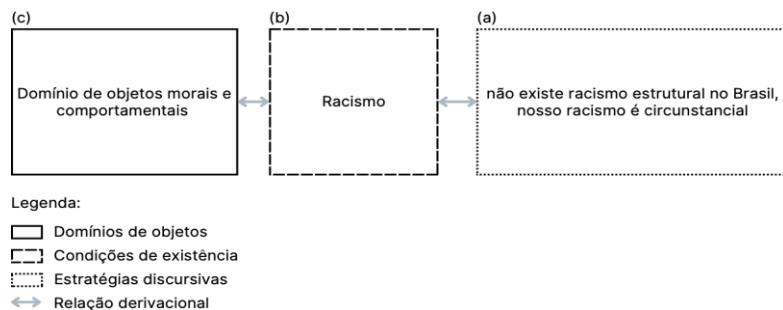
Figura 1 - Modelo esquemático de descrição proposto pela Microfísica discursiva



Fonte: Elaboração própria.

Portanto, os dois eixos de análise propostos na introdução (a disputa política brasileira e a geopolítica da Covid-19) consistiriam, segundo o modelo apresentado, em condições de existência da discursividade bolsonarista acerca do domínio de objetos políticos. Com o intuito de explicitarmos o trajeto de ascensão derivacional da construção do dizer verdadeiro acerca desse domínio de objetos, proporemos esquemas arbóreo derivacionais que contemplem cada umas das etapas aventadas. Na figura a seguir, oferecemos um esquema arbóreo derivacional simplificado, o qual nos permitirá abordar algumas de suas características elementares:

Figura 2 - Exemplo de um esquema arbóreo derivacional simplificado⁴

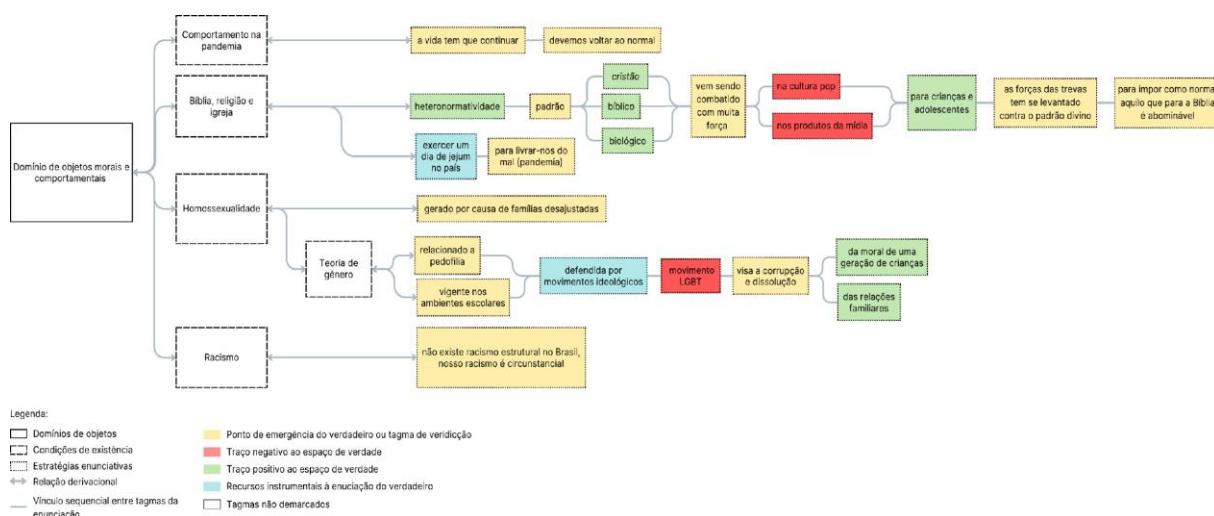


Fonte: Elaboração própria.

A Figura 2 apresenta, respectivamente: (a) um trecho de determinada construção enunciativa na qual a verdade é problematizada por meio de afirmações ou negações acerca de determinada instância da realidade - neste caso, a não existência do racismo e sua verdade circunstancial na sociedade brasileira. Tal construção do verdadeiro, quando agregada a enunciados com problematizações semelhantes acerca do racismo, acarreta uma gestão estratégica de objetos, formas de enunciação, conceitos e escolhas teóricas ou temáticas (Foucault, 2008, p. 47; p. 142) que criam determinada racionalidade formadora para o dizer verdadeiro acerca dessa condição de existência discursiva-enunciativa (racismo); (b) uma condição de existência que, por um lado, é formada a partir de determinado conjunto de enunciados produtores do verdadeiro e, por outro, responsável por sistematizar um domínio de objetos acerca do real, visto compor uma temática a partir da qual a verdade aloca-se segundo o sistema estratégico de produção de seus enunciados; (c) um dos possíveis domínios de objeto que agrupa condições de existência para o dizer verdadeiro acerca de determinado traço da realidade.

Na figura a seguir, apresentaremos um esquema arbóreo derivacional mais complexo, semelhante àqueles que servirão como mote para as discussões subsequentes.

⁴ O enunciado contido na presente figura encontra-se em: Barreto Jr, 2021, p. 118.

Figura 3 - Exemplo de um esquema arbóreo derivacional completo⁵

Fonte: Elaboração própria.

Na Figura 3, além de conservarem-se as dinâmicas apresentadas anteriormente, há a adição de dois elementos que compõem o processo de registro e descrição proposto: primeiro, a decantação da sequencialidade enunciativa⁶ a fim de depurarmos a maneira como a molecularidade dos signos, dos objetos, dos conceitos, das relações e correlações interiores a um mesmo enunciado, em suma, sua microfísica, compõem uma organicidade estratégica responsável por construir um enunciado verdadeiro; segundo, optamos por identificar, a partir da coloração dos tagmas⁷ enunciativos, quatro aspectos retóricos depreendidos do processo de formação dos enunciados, auxiliando-nos, assim, em uma melhor visualização da maneira como a materialidade linguística é reescrita a serviço da racionalidade estratégica disposta no discurso. Os quatro elementos retóricos são: pontos de emergência do verdadeiro ou instâncias da enunciação em que a verdade é problematizada (coloração amarela); a mobilização de recursos instrumentais ou retóricos a fim de produzir o verdadeiro (coloração azul); os traços

⁵ Os enunciados contidos na presente figura encontram-se, respectivamente, em: Barreto Jr., 2021, p. 56; p. 279; p. 63; p. 108; p. 136; p. 118.

⁶ A descontinuidade imposta sobre os enunciados cumpre a função de evidenciar o processo microfísico e idiossincrático desempenhado pela estratégia enunciativa de cada enunciado e, posteriormente, da correlação entre eles. No entanto, ofereceremos em notas de rodapé a referência bibliográfica na qual os enunciados podem ser encontrados, de modo que o leitor possa apreciá-los sem a intervenção do processo de descrição proposto.

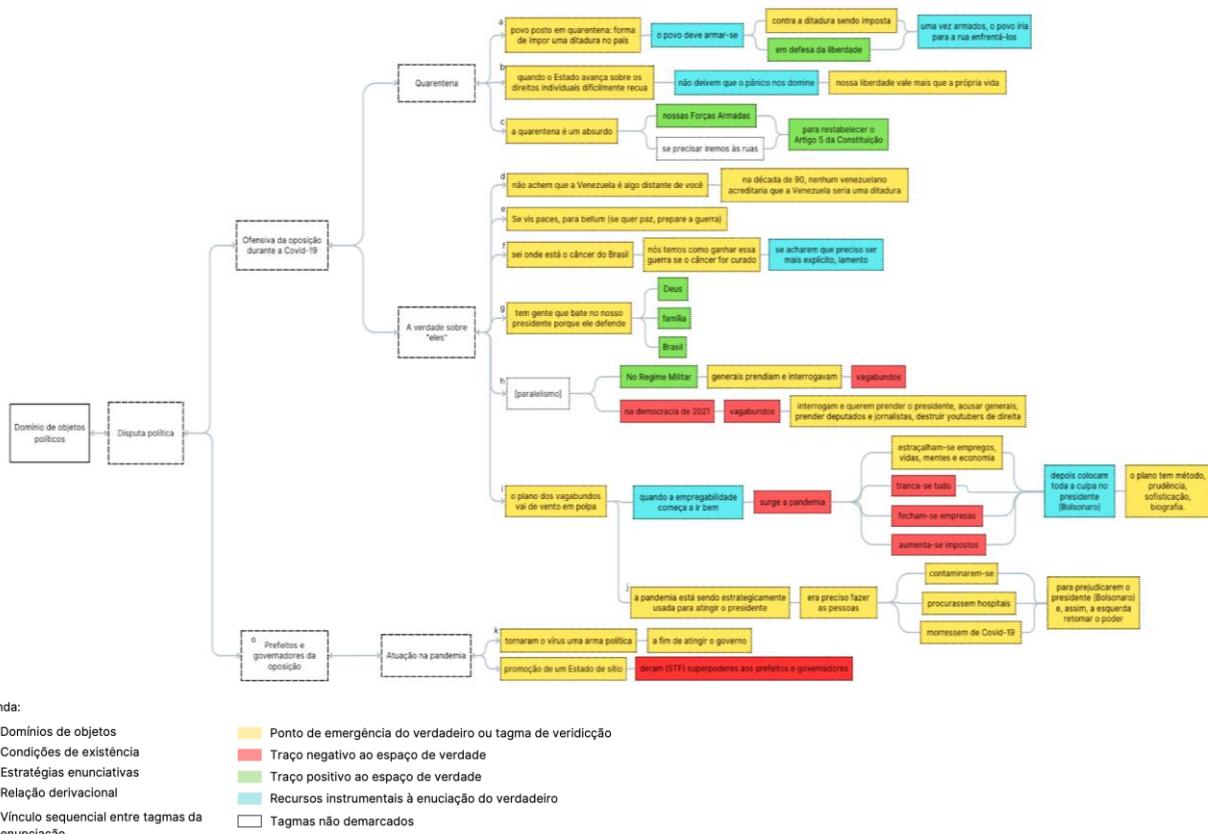
⁷ Tagma pode ser definido de três maneiras: na biologia, corresponde a parte do corpo dos artrópodes formada por vários segmentos semelhantes, fundidos ou não; na linguística, em tagmêmica, cada uma das possíveis variantes ou realizações de um tagmema - menor elemento funcional na estrutura gramatical de uma língua; na história militar, designa unidades militares equivalentes aos atuais batalhões ou regimentos (Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tagma/>). A correspondência entre os três significados, os quais postulam um espaço comum passível de ser dividido em frações individualmente funcionais e cooperativas, torna-se útil à proposta apresentada.

positivos ou valorizados pelo espaço de verdade, os quais compõem, aliados ao verdadeiro, elementos reivindicados em sua interioridade (coloração verde); por fim, os traços negativos, diametrais àqueles positivados ou valorizados pelo espaço de verdade, os quais compõem, por sua vez, elementos exteriorizados pelo espaço de verdade em questão (coloração vermelha).

Concluímos esta seção indicando que, ao propormos a noção de *Microfísica discursiva*, assim como o percurso de registro e descrição que realiza mediante os esquemas arbóreo derivacionais, buscamos extrair da "caixa de ferramentas" desenvolvida por Foucault aquelas que melhor interrogam a historicidade sob investigação, não para interpretá-la em busca de sua verdade elementar, mas para fazê-la desvelar o que lhe permite afirmar-se verdadeira neste tempo histórico e desta forma singular. Isto é, sob quais práticas históricas fora-lhe possível constituir-se de tal maneira e não de outra e, também, quais efeitos sobre o real tal dinâmica estratégica, própria à atual conjuntura das políticas da verdade, exerce.

Resultados

A presente seção dedica-se a descrever e analisar as estratégias enunciativas empreendidas pela prática discursiva bolsonaristas a fim de construir certo espaço de produção do verdadeiro, cujo domínio derivado circunscreve os objetos relacionados ao cenário político brasileiro e mundial durante os dois primeiros anos pandêmicos. Para tanto, foram analisados 32 enunciados - produzidos por representantes do governo ou por apoiadores que ocupam determinada posição midiática privilegiada na circulação social dos discursos -, que estão dispostos em três esquemas arbóreo derivacionais. Nestes esquemas, além das duas grandes condições de existência apontadas na introdução - "disputa política" e "geopolítica da Covid-19" -, apresentaremos sub-condições de existência que são derivadas pelo conjunto dos enunciados analisados.

Figura 4 - Domínio de objetos políticos⁸

Fonte: Elaboração própria.

No esquema arbóreo derivacional contido na Figura 4, observamos a maneira como a pandemia de covid-19 enseja produções enunciativas acerca do campo político, cujo mote de construção da verdade percorre, por um lado, condições de existência acerca da ofensiva da oposição durante a pandemia, especificamente nos temas relacionados à quarentena e as formas de predicação dessa oposição. Por outro, condições de existência acerca da atuação de prefeitos e governadores, cuja discordância em relação às medidas bolsonaristas conduzia-lhes ao posto de inimigos do governo.

⁸ Os enunciados contidos na presente figura encontram-se, respectivamente, em: (a) <https://oglobo.globo.com/politica/eu-quero-todo-mundo-armado-disse-bolsonaro-em-cobranca-sergio-moro-24441599>; (b) Barreto Jr. (2021, p. 123); (c) <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/04/bolsonaro-affirma-que-exercito-pode-ir-para-a-rua-acabar-com-covardia-de-toque-de-recolher.shtml>; (d) <https://oglobo.globo.com/mundo/eduardo-bolsonaro-chama-prefeito-de-ny-de-marxista-em-entrevista-programa-dos-eua-veja-1-25208217>; (e) Barreto Jr. (2021, p. 130); (f) Barreto Jr. (2021, p. 221); (g) Barreto Jr. (2021, p. 222); (h) Barreto Jr. (2021, p. 219); (i) Barreto Jr. (2021, p. 141); (j) <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/03/11/entrevista-coronel-tadeu-doria-covid.htm>; (k) Barreto Jr. (2021, p. 140).

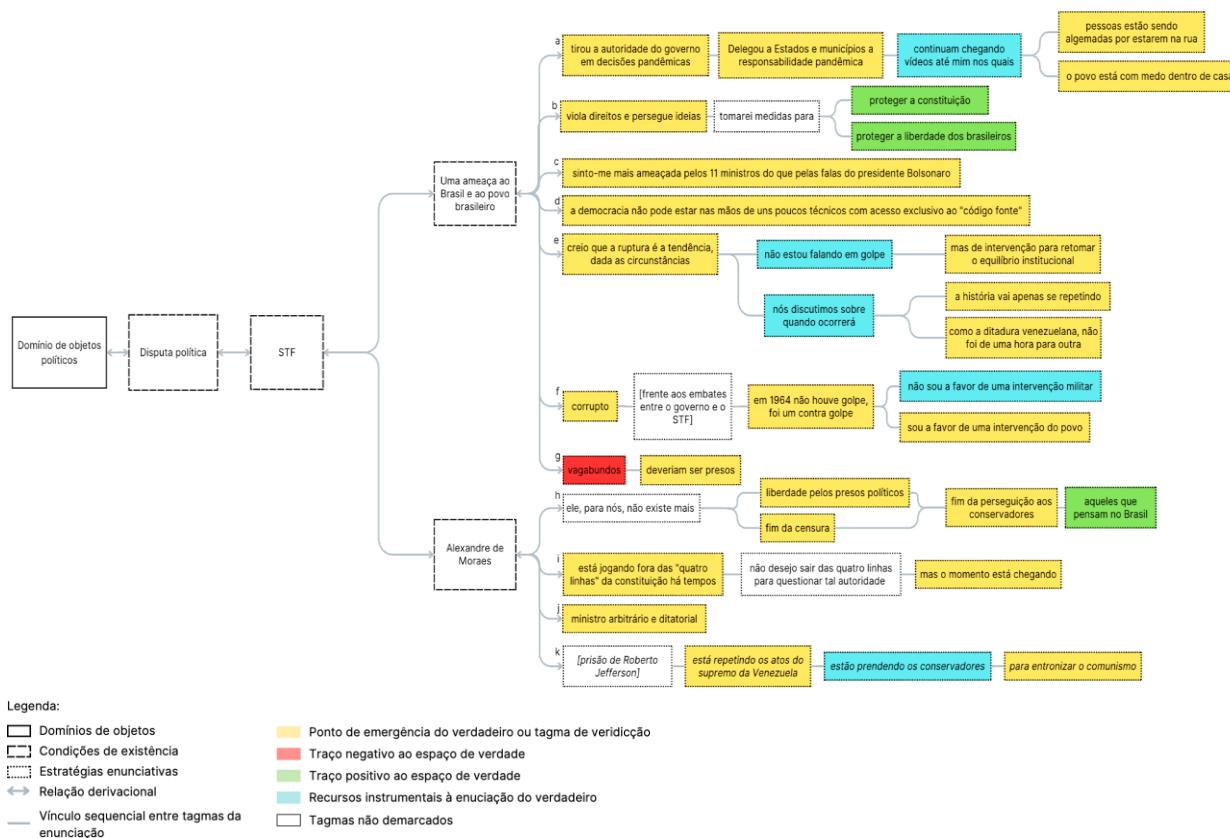
Recorrendo à microfísica enunciativa⁹ dessa primeira sub-condição de existência (Ofensiva da oposição durante a Covid-19), observamos que a quarentena, uma das principais propostas de mitigação ao contágio viral, passa a ser lida pelo espaço de verdade bolsonarista como uma estratégia ditatorial propagada pela oposição a fim de controlar as liberdades individuais (b). Ao revestir a quarentena com certa gramática de veridicção, além de posicionar os sujeitos como vítimas de um avanço estatal que visa a sujeição da população, permite a associação de elementos positivos conjugados ao verdadeiro. Neste caso, se a quarentena representa uma ameaça às liberdades individuais, torna-se possível afirmar que o bolsonarismo, junto às Forças Armadas, prezam e defendem as liberdades; o povo, por sua vez, inscreve-se como recurso instrumental a tal disputa, visto ser incentivado a armar-se contra as oposições; por fim, a incitação ao regresso de formas de governo presentes na Ditadura Militar brasileira justificaria-se em vista da ameaça que se coloca ante a população brasileira (a-c).

Quanto aos enunciados que derivam a sub-condição de existência “A verdade sobre eles”, a construção do dizer verdadeiro volta-se a qualificação dos inimigos mediante afirmações que expõem a verdade acerca dos riscos, planos e efeitos acarretados caso tenham sucesso em sua ofensiva (d; h; i; j). Em um primeiro plano, destacam-se formas de caracterização da dicotomia “nós e eles”, isto é, enquanto a verdade sobre o bolsonarismo recairia em uma defesa da família, do Brasil, de Deus e da própria manutenção da lei e da ordem, a verdade sobre aqueles que ocupam uma posição de exterioridade remontaria a uma oposição direta a tais signos (g; h). Dessa forma, mais do que uma simples discordância, a exterioridade ao espaço de verdade bolsonarista passa a representar uma posição de ameaça a tais valores, visto ser racionalizada como defensora da face oposta àquilo que integra a gramática de verdade bolsonarista (f; h). Em um segundo plano, a oposição ao governo é racionalizada segundo formas de construção da verdade que indicariam um plano estrategicamente tecido a fim de: tornar o Brasil uma ditadura comunista, tal qual na Venezuela (d); censurar e prender figuras públicas do espectro político de direita, bem como aquelas integradas ao campo de positividades do espaço discursivo (h); e, por fim, sabotar o governo Bolsonaro por meio da pandemia de Covid-19, induzindo a população a acreditar, por meio do falseamento de dados, informações e notícias, que a pandemia representaria uma emergência sanitária (i; j).

⁹ Nos parágrafos que se seguem, sinalizaremos entre parênteses a enumeração alfabética dos enunciados correspondentes à descrição da microfísica enunciativa em cada figura apresentada.

Tais elementos de problematização do verdadeiro, bem como suas dinâmicas retóricas de construção enunciativa, podem também ser vistos nos últimos dois enunciados presentes na Figura 4 (k), os quais compõem a sub-condição de existência “prefeitos e governadores da oposição”. Em ambos os enunciados, afirma-se que a verdade sobre a atuação desses representantes políticos consistiu em utilizar o vírus a fim de sabotar o governo executivo e sitiá-las liberdades individuais da população. Além disso, consta também um tópico enunciativo que virá a ocupar uma posição privilegiada no espaço de verdade bolsonarista, mas como um traço de negatividade capaz de indicar formas de discriminação entre o verdadeiro e o falso: o Supremo Tribunal Federal (Figura 5).

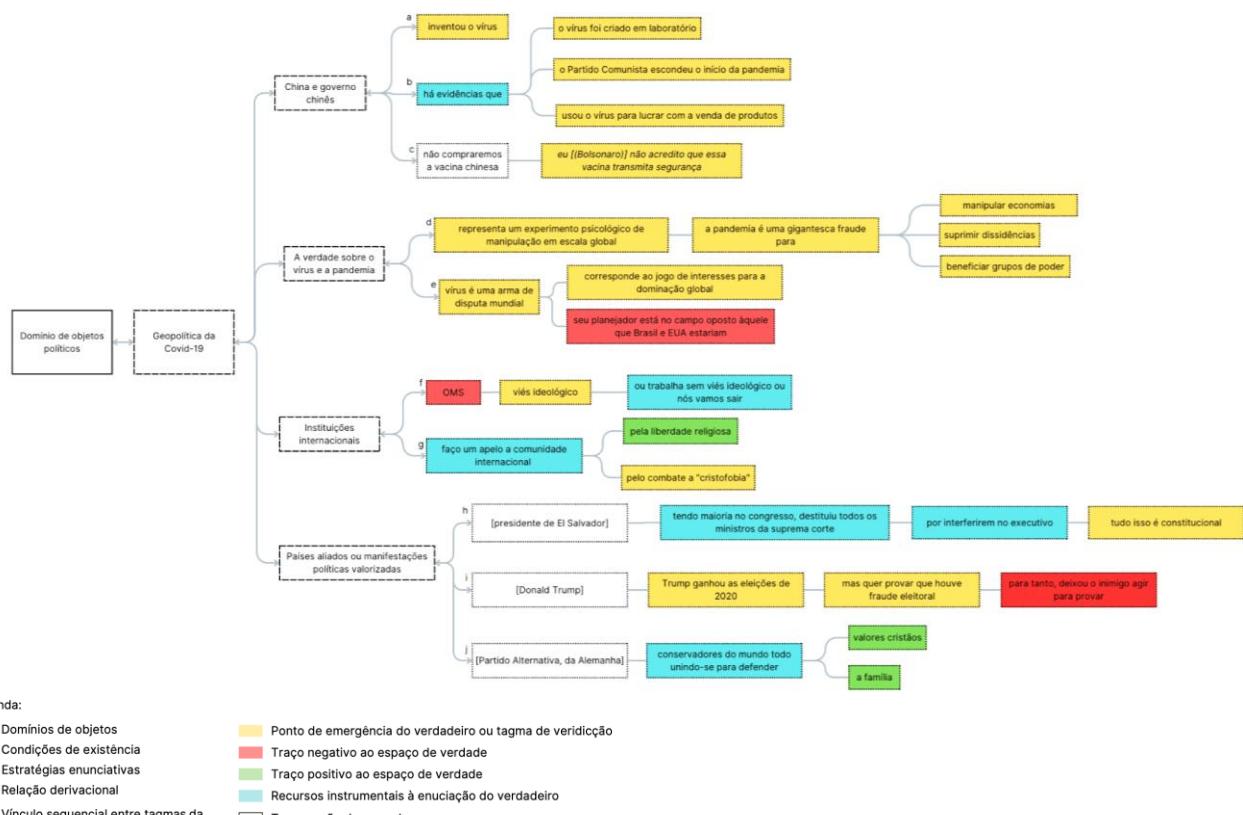
Figura 5 - Domínio de objetos políticos¹⁰



Fonte: Elaboração própria.

¹⁰ Os enunciados contidos na presente figura encontram-se, respectivamente, em: (a) https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/05/26/interna_nacional,1150975/bolsonaro-volta-criticar-isolamento-social-nao-da-para-continuar-assim.shtml; (b) Barreto Jr. (2021, p. 86); (c) Barreto Jr. (2021, p. 190); (d) <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1414333953432031245>; (e) Barreto Jr. (2021, p. 213); (f) Barreto Jr. (2021, p. 88); (g) Barreto Jr. (2021, p. 71); (h) Barreto Jr. (2021, p. 237); (i-j) Barreto Jr. (2021, p. 207); (k) Barreto Jr. (2021, p. 214).

Eleito inimigo central na disputa política brasileira perpetrada pela oposição, o STF passa a ser tematizado, seja quanto instituição, seja personificado pelo ministro Alexandre de Moraes, como uma ameaça ao Brasil e ao povo brasileiro, demarcando, assim, sub-condições de existência enunciativas do verdadeiro. De maneira geral, a construção do dizer verdadeiro acerca do STF perpassa por enunciados que o racionalizam como uma instituição: que viola direitos constitucionais e persegue ideias opostas ao espectro político da esquerda, exterior ao verdadeiro (b; d; e; h; i; k); corrupta, ditatorial e perseguidora dos agentes políticos relacionados ao bolsonarismo, alçados como aqueles que buscariam proteger o país das ameaças em curso (a; c; f; g; h); e, principalmente, perpetuadora de mentiras acerca da realidade pandêmica, política e histórica brasileira (f; j). Ao inscrever a verdade acerca do STF, torna-se possível à discursividade bolsonarista delinejar, tanto o campo de positividades que movimentam a gramática de agregação de enunciados em seu espaço de verdade (b; h), quanto as características que compõem sua exterioridade, marcada pela insignia do falseamento da realidade e da ameaça contida na ofensiva inimiga (a; b; e; h; k). Nesse sentido, destaca-se na microfísica dos enunciados recursos retóricos que posicionam os entes bolsonaristas como protetores da Constituição, defensores das liberdades individuais e projetistas de um plano nacional próspero, aspectos que se confrontam com a verdade que se deposita sobre seu campo de exterioridade.

Figura 6 - Domínio de objetos políticos¹¹

Fonte: Elaboração própria.

As construções da verdade acerca da pandemia de Covid-19 e de sua conjuntura política e geopolítica, no esquema arbóreo derivacional apresentado na Figura 6, ramifica-se em quatro sub-condições de existência relacionadas à “Geopolítica da Covid-19”. Dentre os enunciados registrados, vemos que a China e o governo chinês são topicalizados como temáticas acerca das quais a verdade é produzida. Segundo o espaço de verdade bolsonarista, o vírus que ocasionou a pandemia, não somente estaria sendo usado pela oposição como uma arma política, mas consistiria, de fato, em uma invenção produzida em laboratório, cujo objetivo visava a manipulação das economias globais por parte de “ideologias”¹² opostas aos governos de direita,

¹¹ Os enunciados contidos na presente figura encontram-se, respectivamente, em: (a) Barreto Jr. (2021, p. 152); (b) Barreto Jr. (2021, p. 83); (c) Barreto Jr. (2021, p. 112); (d) Barreto Jr. (2021, p. 51); (e) Barreto Jr. (2021, p. 64); (f) Barreto Jr. (2021, p. 84); (g) Barreto Jr. (2021, p. 107); (h) Barreto Jr. (2021, p. 153); (i) Barreto Jr. (2021, p. 116); (j) Barreto Jr. (2021, p. 202).

¹² A utilização do termo “ideologia”, bem como “viés ideológico”, “ideologia de gênero” e afins, cumpre a função de restituir, nos exemplos mobilizados, o próprio léxico utilizado pela prática discursiva bolsonarista em seus procedimentos estratégicos de produção do dizer verdadeiro. Para estes casos, e a fim de evitar possíveis confusões quanto a utilização do conceito de ideologia em uma análise foucaultiana do fenômeno, passaremos a marcá-lo entre aspas.

a fim de suprimir estas “dissidências ideológicas” eleitas e dominar a geopolítica global (a; b; d; e). Ademais, a verdade acerca do vírus inscreve-se, também, como um produto criado a fim de beneficiar a oposição mediante a venda de produtos relacionados à mitigação viral (vacinas, máscaras etc.) (b; c). Portanto, ao ser enunciada como uma “gigantesca fraude” (d), além de reinscrever a verdade pandêmica na gramática da disputa política, a verdade acerca das instituições internacionais que prezaram pelo combate a calamidade pandêmica, como a OMS, é revista pelos traços negativos comuns à oposição, carregando, assim, uma matriz de sentido que os definiria (f; g). Não por acaso a noção de “viés ideológico” é utilizada como recurso retórico e de afirmação da verdade a fim de caracterizar o trabalho dessa instituição, cujos valores, ao alinharem-se ao espaço de exterioridade da verdade, representariam uma ameaça ao campo positivado pelo verdadeiro que se constrói no discurso bolsonarista. Tais valores, por sua vez, podem ser vistos na microfísica dos tagmas utilizados nos enunciados sobre os países aliados ao governo Bolsonaro. Como este, a face positivada pela verdade remontaria a governos que defendem os valores cristãos e a família, ao passo que repudiam tanto intervenções judiciais sobre o poder executivo, quanto tentativas de sabotagem e falseamento por parte da oposição (h; i; j).

Do ponto de vista estratégico, nas figuras 4 e 5, a posição do verdadeiro é diametralizada no interior dos enunciados, os quais operam um mapeamento que cinge o verdadeiro do falso segundo uma produção estratégica do conflito ou guerra permanente, fazendo com que não haja verdade que não leve em conta essa posição pressuposta. Nesse sentido, se todos aqueles que se inserem ou são inseridos nesse espaço de verdade detém o poder da veridicção, todo e qualquer enunciado externo a tal racionalidade passa a ser compreendido, ora como um falseamento perverso da realidade, ora como uma posição suspeita. Logo, além das questões históricas, sociais e políticas que revestem a posição diametral àquela ocupada pelo bolsonarismo, entendemos que o revestimento de sentido e significação que o espaço de verdade bolsonarista impõe sobre a oposição e os inimigos que delinea dá-se, também, em função de um choque premeditado e estrategicamente estabelecido de espaços de verdade. Por um lado, a verdade se torna um dos instrumentos principais para o estabelecimento do conflito social empreendido pela governamentalidade bolsonarista. Por outro, a regularização do conflito ou da guerra permanente, a qual produz uma topografia de traços positivos e negativos, verdadeiros e falsos, acerca do real, configura uma estratégia enunciativa axial na construção do dizer verdadeiro.

Com isso, a realidade acerca do fazer político, desde suas estruturas de “longue durée” (Avritzer, 2019), até a microfísica política vivificada no seio da sociedade, é atravessada pela dicotomia dos aliados, responsáveis pela verdade acerca de uma realidade sob ameaça, e dos inimigos, das ameaças iminentes, ainda que por vezes pouco delineáveis. Em vista disso, no enunciado a seguir, registrado pela Figura 4, encontramos um exemplo paradigmático desse funcionamento estratégico:

O plano dos vagabundos vai de vento em polpa. Quando a empregabilidade começava a mostrar resultados, surge a “pandemia”, então tranca-se tudo, fecham-se empresas, aumentam impostos, estreçalham empregos, vidas, mentes, economia e colocam a culpa... no único que não joga com as tesouras! Tem método! Prudência, sofisticação, biografia e pega varetas (Barreto Jr., 2021, p. 141).

No enunciado em questão, produzido por Carlos Bolsonaro no dia 6 de março de 2021, a verdade sobre a pandemia é racionalizada segundo a estratégia do conflito permanente, isto é, a pandemia representaria uma arma da oposição na ofensiva que empreende sobre as decisões políticas do governo Bolsonaro ao longo do período. Dessa maneira, ainda que o governo Bolsonaro supostamente busque salvaguardar o povo das mazelas pandêmicas, a verdade que se constrói é que sua força estaria sendo tolhida pela sabotagem inimiga. Nessa disposição estratégica do dizer verdadeiro, além de posicionar-se como vítima de um suposto plano da oposição que almeja a retomada do poder, a verdade acerca dos possíveis insucessos governamentais em gerir a pandemia passa a ser compreendida em função das supostas interdições que sofre – haja vista os enunciados que afirmam que a politização do tratamento aos doentes foi responsável por impedir uma gestão eficaz da pandemia.

Ademais, vemos como a centralização do homem comum frente aos efeitos do conflito torna-se essencial para a produção do verdadeiro. A implicação fundamental dessa estratégia enunciativa consiste em posicionar o conflito e a guerra permanente e ininterrupta no bojo da micro-realidade que atravessa os sujeitos, tornando-os capacitados a definir as dissidências bolsonaristas, seja elas quais forem, sob a égide dos significantes correlacionados aos inimigos. Em suma, a realidade confronta os sujeitos implicados por essa prática discursiva como um espaço fértil de inimigos a serem encontrados, suspeitas a serem levantadas e mentiras a serem detectadas, as quais encontram, após seus testemunhos, espaços que as comportam perfeitamente na interioridade da prática discursiva bolsonarista.

Com isso, a *esfera social e protegida dos sujeitos* (Brown, 2019) é posicionada como o espaço privilegiado acerca do qual as cadeias de visibilidade do verdadeiro, responsáveis por

governar as *práticas de testemunho* e operacionalizar os *hiatos enunciativos* (Sloboda, 2024), direcionam as implicações da ofensiva inimiga. Tomando como referência o enunciado apresentado anteriormente, o fechamento de empresas, o aumento de impostos, o estreçalhamento de empregos, vidas e mentes, são intimamente relacionados a posição do sujeito e a autonomia e liberdade que portam, compondo o espectro de objetos visados pelo plano de dominação e sabotagem da oposição. Logo, assim como Bolsonaro e seu governo, é preciso que os sujeitos vejam-se refletidos como vítimas de um plano cuja única justificativa é o ímpeto de retomada do poder por parte da oposição. Com isso, podemos compreender as estratégias de formação operacionalizadas em enunciados como: “A história nos mostra, quando o Estado avança sobre direitos e liberdades individuais, dificilmente recua. Não deixem que o pânico nos domine, a nossa liberdade não tem preço, ela vale mais que a nossa própria vida” (Barreto Jr., 2021, p. 123); “Tem gente que bate no nosso presidente porque ele defende Deus, a família e o Brasil” (Barreto Jr., 2021, p. 222); e, principalmente, “Eu tenho um conselho para o povo americano. Não achem que a Venezuela é algo muito distante de vocês. Na década de 90, se você falasse aos venezuelanos que um dia a Venezuela se transformaria numa ditadura. Eles nunca levariam a sério. Essa é uma forte mensagem com a qual você precisa se importar” (Barreto Jr., 2021, p. 258).

Ainda nas figuras 4 e 5, podemos constatar uma operação estratégica de inversão da verdade assumida pela oposição frente à atuação política do governo bolsonarista, de modo que as afirmações negativas acerca do governo sejam estrategicamente redirecionadas como características idiossincráticas aos seus inimigos. Com isso, além de ser possível afirmar que os enunciados de verdade que a oposição produz competem a estratégias de falseamento, sabotagem, dissolução ou ataque ante a realidade genuína defendida pelo espaço de verdade em questão, também se torna possível inverter as acusações feitas contra o governo Bolsonaro e seus apoiadores de modo que os próprios acusadores passem a ocupar a posição de culpados diante daquilo que acusam.

Como uma imagem refletida no espelho, o espaço de verdade bolsonarista faz com que a realidade que lhe seja externa represente um reflexo invertido daquilo que os opositores acreditam que são. Isto é, se se afirmam defensores da democracia e acusam o governo Bolsonaro de um risco a ela, na verdade, representam ditadores que a atacam e a sabotam em vista da disputa pelo poder; se se dizem zelosos pelo povo brasileiro em relação aos riscos pandêmicos, na verdade, representam ameaças ao país e aos seus cidadãos; se contestam as propostas políticas e sanitárias instituídas pelo governo Bolsonaro em vista de discursos

pautados em evidências científicas, na verdade, oferecem mentiras ao povo brasileiro a fim de impedir o sucesso das medidas propostas pelo poder executivo; dentre outras inversões do verdadeiro que são fagocitadas pelos espaço de verdade bolsonarista.

Uma implicação direta dessa disposição estratégica nos enunciados sob descrição perpassa, novamente, pela forma como o sujeito é posicionado em meio ao conflito. É preciso, assim, situar o sujeito no centro do campo de batalha, fazendo as consequências do conflito incidirem sobre as mínimas práticas com as quais se relaciona. Ou seja, é preciso que os próprios recursos mobilizados pelo sujeito a fim de testemunhar a realidade que o circunscreve sejam alvos da ofensiva. Em suma, assim como a veridicção volta-se contra a realidade por meio de uma hemisferização dos domínios de objetos do real, os próprios indivíduos passam a ser divididos segundo uma política do “nós” e “eles”. Essa fronteirização ergue, então, uma cortina de ferro entre o interior do espaço de verdade e seu exterior, cindindo, assim, o verdadeiro do falso, bem como aqueles capazes de enunciá-lo. A despeito das profundas diferenças históricas entre os fascismos do século XX e os governos de extrema-direita do século XXI, as palavras de Hannah Arendt auxiliam-nos na compreensão do fenômeno sob discussão:

Sempre foi uma particularidade muito pouco notada na propaganda fascista a ideia de que eles não gostavam de mentiras, mas proponham deliberadamente transformar mentiras em realidade. Assim, o jornal Das Schwarze Korps admitiu, vários anos antes do início da guerra, que as pessoas no exterior não acreditavam completamente na alegação nazista de que todos os judeus são mendigos sem-teto que só conseguem subsistir como parasitas no organismo econômico de outras nações; mas a opinião pública estrangeira, eles profetizaram, teria, em poucos anos, a oportunidade de se convencer desse fato quando os judeus alemães fossem expulsos pelas fronteiras como um bando de mendigos. Para tal fabricação de uma realidade mentirosa ninguém estava preparado. A característica essencial da propaganda fascista nunca foi suas mentiras, pois isso é algo mais ou menos comum à propaganda de todos os lugares e de todos os tempos. O principal era que eles exploraram o antigo preconceito ocidental que confunde a realidade com a verdade, e tornam “verdade” o que até então só podia ser declarado como mentira (Arendt, 1994, p. 147 apud Stanley, 2022, p. 156).

Salvaguardadas as devidas diferenças, tanto na política fascista de produção de verdades, quanto na microfísica do verdadeiro empreendida pela prática discursiva bolsonarista, encontramos uma ininterrupta fabricação de cadeias de visibilidade que se sobrepõem ao real de modo a governar as possibilidades de apreensão do verdadeiro. Se no fascismo alemão, como afirma Arendt, uma das formas de efetuar a inversão da mentira em verdade ocorre mediante sua produção na materialidade do real, o que observamos na prática

discursiva bolsonarista é a maneira como a realidade é violentada de antemão a sua própria consumação material. Isto é, a verdade acerca da realidade não se revela na factualidade material que apresenta, pelo contrário, a verdade e a mentira são geridas e transformadas no âmago dos processos estratégicos postos em prática por essa política da verdade, cuja microfísica discursiva toma de assalto a realidade e sobre ela erige uma organicidade das formas do dizer e apreender o verdadeiro.

Como podemos observar na Figura 6, a despeito de quaisquer evidências, a realidade pandêmica é racionalizada segundo a posição de ameaça daqueles que se localizam na exterioridade do espaço de verdade bolsonarista, o que se difunde a uma escala de guerra global. Tal construção do verdadeiro possibilita ao governo Bolsonaro situar a si, aos sujeitos e a seus aliados, implicados em seu espaço de verdade, como vítimas de uma incansável ofensiva inimiga. Ao torná-la global, os efeitos estratégicos acentuam-se, uma vez que as fronteiras entre a ameaça inimiga e o povo vitimado esfumaçam-se em todas as escalas possíveis. Além disso, essa ameaça fortifica-se em função do poderio das nações marcadas com a insígnia do inimigo. Nos exemplos a seguir, podemos constatar enunciados que se valem de tal dinâmica estratégica:

Hoje há fortíssimas evidências que o vírus foi criado em laboratório, que o PCC (partido comunista chinês) escondeu o início da pandemia e informou à organização mundial da saúde que não havia contágio entre humanos e, depois de tudo, vendeu produtos necessários para o tratamento para todo mundo (Barreto Jr., 2021, p. 83).

CORONAVÍRUS: PANDEMIA OU HISTERIA? Tudo indica que estamos diante de um experimento psicológico de manipulação em escala global, uma gigantesca fraude para manipular economias, suprimir dissidências e beneficiar grupos de poder (Barreto Jr., 2021, p. 110).

No primeiro enunciado, constatamos uma correlação direta entre a posição do inimigo, ocupada pelo governo comunista chinês, e o projeto de falseamento da realidade objetivado por meio da pandemia de Covid-19. A utilização do termo “fortíssimas evidências”, que apontaria à instrumentalização do vírus como uma arma política, consiste em um exemplo estratégico daquilo que denominamos de hiato enunciativo. Ao estipular um silêncio que significa, uma lacuna de justificativas materiais a dada afirmação de verdade, os hiatos enunciativos permitem que diferentes interlocutores projetem, mediados pelo espectro de visibilidade do espaço discursivo, traços de verdade acerca de distintas instâncias do real que melhor se relacionam com a “esfera pessoal e protegida” que trazem consigo. Portanto, ainda que não haja “fortíssimas evidências”, a produção desse hiato na cadeia enunciativa permite que os sujeitos

preencham-no mediante os testemunhos de verdade passíveis de situarem-se na gramática de verdade em questão.

Como definido em Sloboda (2024), o hiato enunciativo possibilitaria que a prática de testemunho do verdadeiro seja melhor direcionada a cada interlocutor que tomar contato com a proposição de um enunciado de verdade. Em suma, se a incitação ao testemunho da verdade capacita o sujeito a tornar-se uma matriz de sentido autônoma, os hiatos enunciativos permitem que os sujeitos vejam-se refletidos nos enunciados produzidos, dada a maneira individual e personalizada com que preenchem as lacunas deixadas pelos enunciados reitores.

O segundo enunciado, por sua vez, exemplifica de maneira precisa as estratégias de construção do dizer verdadeiro na presente condição de existência. Além de pôr em suspenso a verdade acerca da própria gravidade pandêmica, a qual é associada a uma falaciosa fantasia produzida pela oposição, vemos novamente a utilização de um hiato enunciativo – “tudo indica que estamos diante” – a fim de lastrear a verdade acerca da realidade pandêmica. Neste caso, o “experimento psicológico de manipulação em escala global” – trecho em que o sujeito, além de centralizado em meio ao conflito, é associado às demais vítimas ao redor do mundo que padecem da violência da oposição –, visaria a: manipulação de economias, traço associado à construção da verdade acerca de um plano de destruição dos avanços econômicos conquistados pelos governos de direita; supressão das dissidências, traço associado à construção da verdade acerca de uma suposta perseguição aos governos e indivíduos dissidentes das “ideologias” e formas de governo de esquerda, as quais, destituídas do poder pelos governos de direita, intentariam um regresso por meio das sabotagens, mentiras e afins.

Além disso, como destacado anteriormente, dada a regularidade de seu funcionamento estratégico, qualquer elemento dissidente ao próprio espaço de verdade bolsonarista passa a ser compreendido segundo os traços negativos associados à oposição ou ao inimigo. Desse modo, a contestação da verdade que se afirma na prática discursiva bolsonarista é logo conduzida a uma posição de exterioridade, bem como predicada segundo as insígnias do falseamento e da ameaça. Não por acaso, como vemos na Figura 5, o Supremo Tribunal Federal ocupa posição paradigmática como representante da ofensiva inimiga, neste caso, institucionalizada na própria política brasileira. Revestido pelos traços de negatividade que definem a verdade sobre a atuação atroz e falseadora da oposição, a cadeia de visibilidades que a prática discursiva bolsonarista faz recuar sobre o STF alça-lhe a uma posição de ameaça contumaz, não somente ao governo, mas principalmente ao próprio povo brasileiro.

Dessa forma, para que o discurso componha uma economia política funcional do dizer verdadeiro, suas estratégias enunciativas projetam uma relação pendular que oscila entre os sujeitos e o espaço de verdade. Semelhante ao processo de testemunho de cunho evangélico, no qual a enunciação de determinada experiência de revelação religiosa é revestida de verdade quando associada, pelo emissor do enunciado, às regras de formação do discurso religioso (Rocha; Carmo, 2017), o testemunho empreendido pela prática enunciativa bolsonarista constitui-se como um elo necessário entre o sujeito da verdade e o espaço de verdade em questão. Ou seja, assim como o testemunho religioso habilita que os fiéis experienciem a verdade por meio de uma revelação mediada pelo espaço de verdade religioso, a estratégia enunciativa que torna o "homem comum" uma matriz de verdade, passível de produzir testemunhos acerca do real, realiza-se mediante a sujeição, tanto dessas práticas de verdade, quanto do próprio sujeito que as produz, às regras de formação do espaço de verdade bolsonarista. Se há, para o sujeito, uma cadeia acessível de visibilidade do verdadeiro em traços do real, isso só ocorre com seu posicionamento, condicionado ou condescendente, no espaço de verdade que a torna visível e enunciável. Logo, mais do que uma constatação empírica da verdade, como almeja o discurso científico, jornalístico e etc, encontramos estratégias que operacionalizam testemunhos do verdadeiro, adaptados e personalizados aos sujeitos-matrizes de uma nova política histórica da verdade.

Conclusão

Ao tomarmos a noção de verdade como eixo central de problematização da prática discursiva bolsonarista acerca do campo político, buscamos instituir formas de inquirição acerca do porquê, ademais do real, haveria modos de produção do dizer verdadeiro idiossincráticos a tal discursividade. A partir disso, observamos que o jogo estratégico que efetua a gênese do verdadeiro na prática discursiva bolsonarista, mais do que negar a realidade por si só, busca reinscrevê-la em função de formas contingentes de produção da verdade. Esta, por sua vez, insere-se em uma política de disputa cuja historicidade destitui as instâncias tradicionais de saber como espaços unívocos de consagração, fazendo com que os sujeitos sejam alçados não somente como efeitos-objetos da verdade, mas também como matrizes de produção e legitimação do verdadeiro. Portanto, o governo Bolsonaro apresenta-se menos como

uma fonte tradicional de produção de verdades acerca do campo político, do que como um “líder de um movimento capaz de destruir políticas e políticos” (Avritzer, 2021, p. 13).

Em vista disso, o campo de batalha pela verdade parece não possuir mais um limiar demarcável, passível de ser referenciado a determinado discurso específico, uma vez que as estratégias de construção do verdadeiro voltam-se e se instituem em meio à microfísica das relações sociais, constituindo economias específicas do verdadeiro, adaptáveis às demandas de realidade nas quais são produzidas. Com isso, os sujeitos, além de guerrilheiros, representam cenários de disputa pelo verdadeiro, fazendo com que a ameaça, a cólera e a combatividade depositem-se como pedra angular às possibilidades de enunciação do “eu”, do “nós” e do “eles” segundo formas possíveis do dizer verdadeiro. Nesse sentido, embora tenhamos nos voltado a enunciados produzidos por figuras públicas vinculadas ao bolsonarismo, seria possível realizar análises acerca das diversas microfísicas discursivas que o compõem, escansionando as gramáticas que agenciam a fim de produzir o verdadeiro segundo as demandas de realidade específicas nas quais se inserem.

Como buscamos abordar ao longo do texto, a problematização da verdade, longe de restringir-se à esfera dos signos e dos enunciados, situa-nos também nas relações de poder e de objetivação que a operacionaliza como dispositivo de governo dos sujeitos e da realidade. Nesse sentido, o vínculo entre verdade, formas de governamentalidade e relações de objetivação mostra-se inextricável à compreensão dos construtos que amparam a realidade e, consequentemente, estabelecem as condições mediante as quais os sujeitos constroem e são construídos por um conjunto de práticas que lhes situam, violentamente, em determinado arranjo histórico do poder.

No entanto, como nos lembra Foucault (2000), a verdade e as contingências de realidade que produz não correspondem a elementos transcendentais ou absolutos, pelo contrário, constituem produtos históricos situados e, por isso, passíveis de serem questionados e desestruturados. Dessa forma, ao problematizamos a prática discursiva bolsonarista segundo sua política de produção da verdade, munimo-nos não somente da capacidade de discernir o que nos tornamos mediante os jogos de verdade que nos situam violentamente em determinada realidade sócio-política, mas também nos capacitamos a compreender que tais práticas discursivas, com aquilo que agenciam enquanto relações de poder, “repousam sobre o fundamento de prática humana e de história humana, e porque essas coisas foram feitas, elas podem, com a condição de que se saiba como foram feitas, ser desfeitas” (Foucault, 2000, p. 325-326).

Referências

- ABRUCIO, F.; GRIN, E.; FRANZESE, C.; SEGATTO, C.; COUTO, C. Combate à COVID-19 sob o federalismo bolsonarista: um caso de descoordenação intergovernamental. **FGV EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 54, n. 4, p. 663-677, jul.- ago. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-761220200354>
- ALMEIDA, R; GUERREIRO, C. Negacionismo religioso, Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia de Covid-19. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 41, p. 49-73, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872021v41n2cap02>
- ALMEIDA, R; TONIOL, R. **Conservadorismos, fascismos e fundamentalismos**. São Paulo: Unicamp, 2019. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788526815025>
- AVRITZER, L. **O pêndulo da democracia**. São Paulo: Todavia, 2019.
- AVRITZER, L; KERCHE, F; MARONA, M. **Governo Bolsonaro**: retrocesso democrático e degradação política. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BARRETO, W. **Bolsonaro e seus seguidores**: 1560 frases. São Paulo: Geração editorial, 2021.
- BENVENISTE, E. O aparelho formal da enunciação. In: Problemas de Linguística Geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politeia, 2019.
- CESARINO, L. **O mundo do avesso**: verdade e política na era digital. São Paulo: Ubu, 2022.
- DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- RUEDIGER, Marco Aurélio. (coord.). (Pseudo)ciência e esfera pública: reivindicações científicas sobre Covid-19 no Twitter. **Policy paper**, Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2021.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 24. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos II**: arqueologia das Ciências Humanas e história dos sistemas de pensamento. São Paulo: Forense universitária, 2000.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III**: estética: literatura e pintura, música e cinema. São Paulo: Forense universitária, 2013.

FOUCAULT, M. **Subjetividade e verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HUR, D; SABUCEDO, J; ALZATE, M. Bolsonaro e Covid-19, negacionismo, militarismo e neoliberalismo. **Psicologia Política**, v. 21, n. 51, p. 550-569, 2021.

LACERDA, M. **O novo conservadorismo brasileiro**: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre: Zouk, 2019.

MOURA, I. O que a CPI da Covid concluiu sobre tratamento precoce, fake news e outros 12 temas. **Gazeta do povo**, 2021. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/cpi-da-covid-entenda-conclusoes-do-relatorio-final/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

ROCHA, C. **Menos Marx, mais Mises**: o liberalismo e a nova direita no brasil. São Paulo: Todavia, 2021.

ROCHA, C; CARMO, A. Narrativa do testemunho pentecostal: quem tem autoridade de testemunhar? **Revista Tempo Amazônico**, v. 5, n. 1, p. 150-171, jul-dez. 2017.

ROQUE, T. A queda dos experts. **Revista Piauí**, ed. 171, maio 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/queda-dos-experts/>

SILVA, Nelson. The politics of truth and its transformations in neoliberalism: the subject supposed to know in algorithmic times. **Filozofski Vestnik**, Ljubljana, SAZU Filozofski Institute, v. 38, n. 1, p. 133-144. 2019.

SLOBODA, L. As estratégias de construção do dizer verdadeiro nos enunciados do governo Bolsonaro e de seus apoiadores durante a pandemia de Covid-19. **Revistaft**, v. 28, n. 130, 2024.

SLOBODA, L. Tempo da política - tempo da guerra: a noção de guerra civil como operador analítico do período histórico brasileiro entre 2013 e 2023. **Revistaft**, v. 27, v. 121, p. 55, 2023.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo**: a política do “nós” e “eles”. 8 ed. Porto Alegre: LePM, 2022.

TAVARES, L; ALMEIDA, L. Pandemia e disseminação de Fake news no Brasil, uma análise a partir de uma plataforma de factchecking. SIMEDUC, 2021, Aracajú. **Anais...**, Sergipe: Universidade Tiradentes, 2021, v. 1, p. 1-15.

VERAS, T. Negacionismo viral e política exterminista: notas sobre o caso brasileiro da Covid-19. **Voluntas**, Santa Maria, v. 11, e45, p. 1-13, jul. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/2179378643934>

VEYNE, P. **Foucault, seu pensamento, sua pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Recebido em: 28 de janeiro de 2025
Aceito em: 25 de junho de 2025